

Simplemente Chude

Por Marcelo Panguana

Podíamos começar por dizer que se pratica entre nós um certo tipo de silêncio, que muitas vezes nos faz desconhecer percursos e méritos de alguns nomes artísticos que convivem connosco.

Chude Mondlane é um desses nomes, muito embora se tenha grandemente evidenciado como vencedora de um importante "meeting" como foi o Festival Internacional de Música, na Coreia, e de ter alcançado um prestigioso segundo lugar no Festival de Música de Tóquio. Esta bonita mulher, de cabelos longos e encaracolados, de olhos profundos e pose de princesa desencantada, participou também em inúmeros concertos pelo mundo fora: Suíça, Helsinquia, Estocolmo, Nova Iorque, Estados Unidos de América e, obviamente, Moçambique, onde Chude, definitivamente, decidiu ficar-se! Gravou discos como "Tomorrow's Child", LP, e trabalhou com destacadas figuras internacionais como Mercus Miller, Roberta Flack, Jane Fonda, David Mortí, Hugh Masekela. Um dia, eu e ela sentamo-nos, e depois aconteceu esta conversa.

Uma primeira impressão que se tem, aqui em tua casa, é exactamente este desfile de objectos de arte. Vejo, por exemplo, o Chicane, o Sérgio Veiga, o Malangatana, a Fátima Fernandes. A arte deve ser muito importante para ti.

"É muito importante. Ela significa tudo aquilo que a vida nos trás e nos dá. Quando as pessoas vêm ter contigo deixam ficar qualquer coisa, no meu caso, deixo ficar a arte, deixo um objecto qualquer, um sentimento qualquer, mas tudo em termos de arte".

Suponho então que concordes com o Eça de Queirós quando dizia que a arte é tudo na vida e o resto é nada...

"Não sei se concordo, acho que há um certo exagero nisso. Mas tudo depende de como tu vês o que é a arte. Se tu definires a arte como tudo, claro que ela será tudo. Suponhas que sejas um mecânico e arranjas carros, para ti isso pode significar arte, porque estás a ouvir o motor, porque estás a criar alguma coisa. Se estás sentado num escritório a decidir quantos trabalhadores são necessários para trabalhar num determinado lugar, quanto vão ganhar e qual é o teu "plafond" disponível, isso pode ser também uma das formas de fazer arte".

As tuas aparições em público continuam a ser cada vez mais raras. Será por uma questão estratégica, de gestão de imagem, ou será que aqueles que fazem espectáculos não se lembram de ti?

"Acho que são as duas coisas, ou seja, várias. É preciso olhar o nosso País em termos de indústria musical, em termos da minha profissão que é cantar, que é produzir, que é criar. Aqui em Moçambique não temos agentes e os que existem se podem contar com a palma de uma mão: a Manuela Soeiro, o Alex Barbosa, a Associação dos Músicos, o Hokolokwe que, às vezes monta espectáculos, e, às vezes, não. Depois, há a área da gravação. O que é que existe? A Rádio

Moçambique é o único lugar, embora se saiba que não é bem uma empresa de gravação. Então nós podemos concluir que em Moçambique não existe uma empresa de gravação que como tal se sustente disso, que vive disso".

Às vezes, apareces em alguns concertos...

"Eu tenho que montar espectáculos ou tentar vender aquilo que montei. Num país onde exista uma produção musical verdadeira, uma empresa comercial, dinheiro, pessoas para consumir, as coisas são diferentes: recebe-se um telefonema para fazer um trabalho, quando se chega nesse estúdio começa-se a contar as horas, a ver o tipo de trabalho que se vai fazer, o tipo de contribuição. No fim, eles pagam imediatamente o teu dinheiro e acabou. Aqui não há isso, eu tenho que fazer os anúncios, tenho que me aproximar das empresas!"

Tempos atrás falou-se que havias montado uma empresa de produção de espectáculos. Houve muita expectativa e alguma esperança entre os músicos, porque se sabia que a proprietária dessa empresa era uma artista. Essa empresa ainda existe?

"A intenção de montar essa empresa não foi para os fins que acabo de te ouvir dizer. Eu fui muito clara: estou a fazer isto porque não há uma indústria aqui da qual eu possa viver, que me dê trabalho. Então, se eu quiser produzir como artista o melhor é estar independente para montar espectáculos à minha maneira, para dar trabalho a mim própria e a outros músicos moçambicanos".

Isso tem acontecido?

"Tenho feito poucos espectáculos, porque não existe entre nós uma dinâmica, as infra-estruturas também não. E nós artistas temos que fazer a logística, o aluguer, a montagem da aparelhagem, da luz, e pensar em tudo o resto, porque não existem pessoas formadas em áreas específicas para a montagem

de um espectáculo. Agora estou envolvida num processo de criação como artista, como compositora, estou presentemente a juntar material. Eu não sou produtora, nunca o fui. Faço isso porque sou obrigada a fazê-lo. Mas é evidente que a parte que mais me agrada é a criação de canções, do canto, e ver se os arranjos musicais estão de acordo com aquilo que eu quero, analisar quem é o artista que me vai acompanhar. É da parte criativa que eu gosto mais".

Eduardo Mondlane, teu pai, gostava muito de cantar, li isso em qualquer parte. Provavelmente ficaste influenciada...

"Acho que herdei dele o gosto pela música, mas também da minha mãe que foi

E da música clássica, principalmente da "Ópera dos Pescadores". Influenciou-me muito nesse aspecto, porque eu acho que ele sentia que a música era a base da comunicação entre pessoas diferentes, algo que libertava o corpo e a mente".

É nessa altura que pensas na música, profissionalmente?

"Não sei. Acho que a opção não foi uma coisa que tenha partido duma decisão. Foi a consequência de uma trajectória da vida, foi acontecendo. O meu pai via a minha expressão e dizia que eu era artista. A minha tendência era então a expressão corporal e vocal. Mas também pintava muito bem, no entanto, estava mais inclinada para a dança e o meu



José Cabral

muíto importante na minha formação artística, nessa influência toda que me levou a ser cantora. Ela tocava piano, violino, flauta. Era seu hábito juntar a família à volta do piano, enquanto tocava. Às vezes, aconteciam viagens ou safaris para vários lugares, e então, dentro do carro, ao longo da estrada, nós sempre cantávamos. Lembro-me duma canção que o meu pai adorava, que muitas vezes tento reproduzir, mas que ninguém entendeu, porque na altura era ainda criança e tratava-se de uma língua que não conhecia, o changana. Era uma música que representava muito para ele, que o irmão mais velho cantava sempre que regressava das minas, depois de tomar uns copos de qualquer coisa.

Uma canção que era uma mistura de sentimentos, de nostalgia, de algo mais profundo. O meu pai sempre gostou da música e ela esteve sempre presente na nossa casa. Tínhamos um gira-disco, era ele aquilo que se utilizava nessa época, e sempre que ele voltava a casa punha a música a tocar. Ele adorava o jazz, o Louis Armstrong, Billy Holiday, a Miriam Makheba, Barbara Straisend,

pai sempre me encorajava. E quando havia uma festa lá em casa, ele dizia para impressionar os presentes: "Dança, minha filha". E eu dançava!". (Risos)

Por isso tens uma grande presença no palco, envolves facilmente as pessoas...

"Quem é que sabe donde vêm essas coisas e porque é que uma pessoa se inclina para um lado e não para o outro? Quando os meus pais se aperceberam que eu tinha essa inclinação, mandaram-me para uma escola de dança, aquelas coisas de uma vez por semana. A minha professora era da opinião que eu devia ir para uma escola própria de dança e terminar profissionalmente. Ela achava que eu tinha já avançado demais, e que não tinha mais nada para me ensinar. O meu pai não conseguia me deixar ir embora, porque não sabia o que seria amanhã e continuei a viver com eles. Quando ele foi assasinado eu tinha já onze anos e a bolsa de estudo que me tinha sido oferecida entrou em vigor. Era uma situação muito difícil, e a minha

mãe mandou-me para Filadélfia onde permaneci durante dois anos na Escola de Coreografia e Dança Moderna sob os auspícios da Nadia Tchekovski, uma professora que se inspirou em Isadora Duncan e Marta Graham. Foi quando por lá chegou, pela primeira vez, o grupo de Dança da ex-União Soviética, eu fiquei completamente louca com aquilo, era a melhor coisa que tinha visto em termos de dança! Por isso ingressei mais tarde numa escola na União Soviética onde se lencionava coreografia e ballet clássico.

Concluíste o curso?

"Foi dura a vida para mim, sentia-me muito isolada, porque era estrangeira e, naqueles tempos, a ex-União Soviética tinha muita fobia aos estrangeiros. Estávamos em 1974 e eu disse para mim: chega. Quando chego a Moçambique encontro uma sociedade em formação, difícil para uma pessoa desenraizada se enquadrar. Tinha 18 anos e estava interessada em fazer aquilo que eu sabia. Era muito difícil até pensarmos em nós próprios, porque tínhamos que pensar de uma forma colectiva".

Quando é que pisas o palco pela primeira vez?

"Foi num concurso organizado pela EMI, onde se apresentaram músicos jovens do País. Participei especialmente como convidada com a canção Mukhalani".

Falemos agora da tua relação com os músicos moçambicanos.

"Não há muito disso. Quando há um trabalho para fazer, costumei contactar o Paíto Tcheco. Sentamo-nos, pergunto-lhe o que pensa, trocamos ideias, iniciamos os ensaios. A nossa relação estabeleceu-se dessa forma.

São muitos músicos com quem já trabalhei e com cada um deles existiu um relacionamento diferente: o Dua, os irmãos Páco, Jójó, Vály, João Carlos, Baba, Orlando, Leman e Zeca Tcheco, que manteve a banda, o compasso e a estabilidade em termos de personalidade das pessoas. Sem o Zeca, não sei se poderia ter feito alguma coisa. Claro que também se falava da música no nosso País, daquilo que se poderia ou não fazer, embora eu não tenha muita esperança, porque não estou vendo nenhuma indústria musical. Então vai-se discutir o quê? As pessoas encontram-se, falam e depois não se faz nada. Eu já estou cá há cinco anos e não vejo nada feito, a não ser coisas que partem da iniciativa de cada músico. Não há um ministério que se interesse e actue, porque eles são pagos para aquilo que eles fazem, e não somos nós que temos que ir lá e dizer o que é preciso fazer. Nós não somos burocratas, eles sim".

Digamos que as Instituições da Cultura não funcionam...

"O Ministério da Cultura está onde está, tem as suas funções que eles próprios definiram. Eu não sei quais são os problemas que o Ministério enfrenta, e não é meu trabalho

saber. A minha preocupação fundamental é continuar a existir como músico, continuar a trabalhar e sustentar-me a mim e à minha família. No fundo, o que eu quero dizer é que não dá para discutir com os músicos sobre muitas coisas, porque chego à conclusão que tudo o que é feito tem de ter no fim a decisão de um ministério que não age, pelo menos em relação a nós músicos".

Acabas de regressar do Canadá...

"Convidaram-me para fazer um trabalho de divulgação dos problemas que Moçambique enfrenta em termos de minas. Não se tratava de fornecer uma informação didáctica, mas falar na generalidade sobre o efeito das minas na nossa sociedade. Como artista, tive que fazer apresentações em todas as cidades principais do Canadá e pediram-me para escrever uma canção para esse fim, que eu fiz contigo. Cantei com o Bruce Cockburn, um grande músico canadiano, dos poucos que não saiu do seu país, porque muitos deles encontram-se "casados" com os Estados Unidos, estão consumidos e já não regressam.

O Bruce Cockburn é muito popular e foi uma grande experiência ter trabalhado com ele".

É muito importante o artista viajar?

"Claro, porque é preciso que haja contacto com outros músicos. Como é que podemos montar uma indústria musical? Como vamos medir o nosso crescimento sem contactos? O facto de não termos uma indústria musical faz com que o País não atraia ninguém para cá, senão poucos, e mesmo com esses há pouco contacto. Eles chegam, tocam e vão embora. Nós temos que ter a oportunidade de trabalhar com os artistas que possuem uma outra experiência".

As tuas maiores influências musicais estão dentro do continente africano ou fora dele?

"Algumas estão dentro do continente, outras estão lá fora. Cá dentro, há a Miriam Makheba que me influenciou bastante em termos de expressão. O Masekela com quem trabalhei muito. Mas os americanos deram-me uma grande influência, porque eu tenho um "background" americano muito forte em termos técnicos e de expressão, e mesmo em termos de cultura".

E o que é que pensas fazer daqui em diante?

"O mais importante para mim, neste momento, é fazer um CD com a minha música, contando com a colaboração de escritores moçambicanos e outros compositores. Estou a trabalhar nisso em termos de criação. O CD vai ser em português e espero que tudo esteja concluído até ao próximo ano. Pretendo também montar mais um espectáculo com a inclusão destes números que estou a compor agora. Depois não sei o que é que vai acontecer..." ■